

Os autores, um casal de leigos uruguaios que se formaram na Universidade de Friburgo, na Suíça, e atuaram no ITESC entre 1987 e 1991 – um deles inclusive como Diretor do Instituto – narram aqui a origem e o desenrolar dessa experiência extraordinária, de que foram protagonistas. Descrevem os fatos que marcaram suas opções profissionais entre 1983 e 1991, isto é, entre a gestação do projeto ITESC e seu cancelamento. Na primeira parte do depoimento, tentam manter o maior nível possível de objetividade, enquanto na segunda parte fazem uma reflexão teológica em sentido estrito, tentando enquadrar os fatos, os obstáculos, as respostas dadas, e suas conseqüências, no contexto da vida e da evolução da Igreja entre fins dos anos oitenta e meados dos anos noventa.

## Nossos anos no Itesc

*Daniel Ramada Piendibene \**  
*Marta Raquel Sarasola Ramada\**

---

\* O Autor é Professor de Ciências Políticas, Montevidéu, 1971; Mestre em Sociologia, Montevidéu, 1974; Bacharel em Teologia, Montevidéu, 1975; Mestre em Teologia, Fribourg, 1986.

A Autora é Bacharel em Teologia pelo I.T.U., Montevidéu, 1975; Mestre em Teologia, Fribourg, 1986; Bacharel em Direito, Advogada, Montevidéu, 1995; Pós-graduada em Direito Sucessório, Montevidéu, 1998; Escrivã Judicial e de Cartório, Montevidéu, 2000



## Introdução

O motivo destas páginas é, de certa maneira, honrar uma dívida já antiga. Uma dívida que vem de alguns anos. Não é uma dívida com o ITESC, instituição à qual demos tudo o que podíamos dar, inclusive até o limite de nossas forças, mas com o Padre Ney, a quem prometi muitas vezes que colaboraria com a revista “Encontros Teológicos” que ele jamais deixou de nos enviar a Montevideu.

Com efeito, em inícios de novembro, numa visita rápida a Florianópolis, fomos cumprimentá-lo e ele comentou que estava prestes a aparecer um número especial de *Encontros Teológicos* consagrado aos trinta anos do ITESC. Primeiramente ofereci um artigo sobre “espiritualidade empresarial” que, em princípio, resume o conteúdo de um seminário homônimo que venho oferecendo regularmente para empresários e profissionais independentes desde 1997<sup>1</sup>. Mas ele, sem descartar a proposta, nos solicitou algo que definiu como “um depoimento”. Tal depoimento deveria estar centrado na experiência que vivemos no ITESC durante os breves mas longos anos nos quais tentamos, sem sucesso, fincar raízes na igreja de Santa Catarina.

Estas reflexões são, portanto, apenas isso, reflexões, sobre uma experiência de vida que, como professores de teologia, lemos sob a luz da fé. Devo reconhecer que foi bem mais difícil escrever neste gênero, mais próximo da autobiografia espiritual, que dos enfoques sistemáticos aos quais estou bem melhor acostumado. Mas, sem pretendermos mergulhar numa espécie de *Teologia Narrativa*<sup>2</sup>, oferecemos este testemunho que tem como única pretensão resgatar a experiência de trânsito, amor e sofrimento vivida nos anos de nossa passagem pelo ITESC.

Dividiremos este depoimento em duas partes. A primeira descreve os fatos que marcaram nossas opções profissionais entre 1983 e 1991, isto é, entre a gestação do projeto ITESC e seu cancelamento. Nesta

---

<sup>1</sup> Este seminário, fruto de uma leitura teológica de minha experiência profissional nos últimos doze anos, é uma espécie de retiro aberto que ofereço para empresários e profissionais independentes. Nele, a partir de um paradigma junguiano e desde uma perspectiva multidisciplinar, procuro aprofundar a identidade espiritual do homem que carrega a responsabilidade de produzir riqueza, gerar empregos rentáveis e contribuir ao funcionamento da sociedade, buscando em todos os seus atos aquela santidade específica que integra a justiça, a viabilidade econômica, os resultados financeiros e a presença de Deus.

<sup>2</sup> Que, de um modo geral tem muito de narrativa (“*papo*”) e bastante menos de teologia.



parte tentamos manter o maior nível possível de objetividade<sup>3</sup>. A segunda é uma reflexão mais teológica no sentido estrito. Ela intenta enquadrar os fatos, nossas respostas e suas conseqüências, no contexto da vida e da evolução da Igreja entre fins dos anos oitenta e meados dos noventa.

## 1. Nossos anos no ITESC: Uma leitura humana dos fatos

Seria mentira afirmar que conservo apenas boas lembranças dos quatro anos de exercício do ensino teológico em Santa Catarina. Obviamente, as boas lembranças e as amizades sólidas permanecem até hoje. Porém, se excluirmos os sofrimentos e a perseguição padecidos no Uruguai sob a ditadura militar<sup>4</sup>, nossa aventura catarinense, mesmo se comportou algumas alegrias e sucessos, permanece no meu coração, e na memória do resto da minha família, como um tempo de muita dor, como uma prova verdadeiramente dolorosa.

Posso dizer, sem medo de exagero, que foram os anos mais difíceis de nossas vidas como teólogos e como grupo familiar, e quando digo “nossas” incluo não apenas a Marta, minha esposa e companheira de toda a vida, mas também a nossos três filhos, Magdalena, Juan Bautista e Maria de Nazareth, que muito tiveram que padecer por causa de nossa opção catarinense.

---

<sup>3</sup> É óbvio que a objetividade neste campo, vinculado às diversas experiências dolorosas que padecemos em Santa Catarina, parece ser mais uma pretensão inocente ou, até oportunista, que um fruto possível de ser alcançado. Acredito, porém, que é possível conseguir certo grau satisfatório de objetividade na seleção e organização dos fatos (isto é, na releitura dos mesmos), com a condição de respeitar duas premissas: uma indiferença de tipo inaciano frente ao que desejamos mas não conseguimos atingir. Esse fruto às vezes vem com os anos, mediante uma boa dose de ascese no desejo. Em segundo lugar, certo grau do que chamaríamos de um *providencialismo sadio* que é aquele que, em última instância, deixa nas mãos de Deus a chave de sentido dos próprios fatos revisados. Aqueles que me conhecem sabem que professo uma opção epistemológica muito mais próxima à sociologia do conhecimento que à teoria pura do mesmo. Entretanto, com o passar dos anos fui aprendendo a reconhecer que, com um bom conhecimento de nossa própria *sombra*, é possível progredir bastante em termos de objetividade.

<sup>4</sup> A ditadura ficou formalmente estabelecida no Uruguai em junho de 1973, com a dissolução do Parlamento, e prolongou-se até fevereiro de 1985. Mas o despotismo do poder militar foi exercido de forma maquiada desde setembro de 1970 e especialmente a partir de abril de 1972, com a suspensão de toda e quaisquer garantia individual pelo chamado *estado de guerra interno*. Nesse ano tive o doloroso porém honroso privilégio de conhecer os horrores da prisão militar, por causa da fé e dos valores cristãos, no tristemente célebre e hoje desaparecido “*Batallón Florida*”. Marta e eu vivemos sob a ditadura apenas até 1980, porque nesse ano conseguimos sair para a Suíça, a fim de completar os estudos de pós-graduação na Faculdade de Teologia de Friburgo (Fribourg).



A relação com a Igreja de Santa Catarina começou entre 1984 e 1985 de modo epistolar. Estávamos concluindo os estudos na Suíça quando o Professor Carlos J. Pinto de Oliveira, padre dominicano natural de Minas Gerais, que era catedrático de Teologia Moral em nossa faculdade, nos informou que tinha encontrado na Alemanha o Arcebispo de Florianópolis, Dom Afonso Niehues, o qual estava procurando professores para o Instituto Teológico de Santa Catarina. Como nossa intenção era, precisamente, voltar a América Latina para ensinar teologia, escrevemos-lhe uma carta. Domo Afonso respondeu, e assim concretizou-se o vínculo inicial.

Em 1985 visitei a Arquidiocese pela primeira vez, para apresentar nossa proposta. Dom Afonso explicou que os professores do ITESC trabalhavam de forma praticamente honorária e que, se realmente queríamos dedicar nossa vida ao ensino, era imprescindível nós mesmos procurarmos os recursos na Europa.

Assim o fizemos. Elaboramos um projeto em Friburgo e, com o apoio de um grupo de paróquias católicas da Suíça central, obtivemos os fundos necessários para poder dedicar-nos a ensinar teologia no Brasil. Era um financiamento por cinco anos, que teria início em janeiro de 1987 e com opção para outro período semelhante.

Foi aproximadamente nessa data que chegamos ao ITESC. Viajamos para o Brasil com uma fé bastante inocente, uma grande ilusão, muitas esperanças, muitas idéias e projetos e, também, com três filhos pequenos, que tiveram imensas dificuldades em passar do *Sitz im Leben* suíço ao *jeitinho brasileiro*<sup>5</sup>.

Os primeiros meses foram caóticos. Apesar de termos solicitado que fossem providenciadas alternativas de apartamentos na cidade para alugarmos na chegada, nada tinha sido feito e tivemos que permanecer morando nas dependências do ITESC sem um mínimo de privacidade durante todo o verão. Por outro lado, os *contêiners* que transportavam desde a Suíça nossos livros, nossa roupa e os objetos pessoais, foram seqüestrados no porto de Santos, sob alegação de conferência documental, e uma vez ali foram violados e saqueados.

Perdemos não apenas nossas lembranças, que eram os signos de nossa história, mas todo o material de ensino que preparamos durante os

---

<sup>5</sup> Aquela “Moral do jeito” que com tanta perspicácia analisava o Padre Orlando Brandes – hoje Dom Orlando – num dos primeiros números de “Encontros Teológicos”.



últimos três anos de estudos na Suíça, os noventa por cento de nossa biblioteca particular, que passava dos dois mil volumes, e muitas coisas mais. Era um sinal dos tempos que viriam. Tínhamos que começar de zero ou abaixo de zero. Porém, o entusiasmo da juventude que ainda tínhamos, a ajuda generosa de alguns de nossos novos colegas, o amor pela teologia, a vocação docente e a determinação de levar adiante nossos projetos, ajudaram a superar os primeiros golpes.

É necessário sublinhar que as tentativas por nos integrar à Arquidiocese de Florianópolis foram constantes. Começaram já nos primeiros meses de nossa chegada. Pessoalmente desejava solicitar o Sacramento da Ordem no grau do Diaconato Permanente<sup>6</sup>. Falei com nosso colega de ensino, Padre Walter Goedert, responsável pelo recrutamento e preparação dos candidatos. Ele rapidamente fez questão de esclarecer para mim que a opção da Igreja catarinense não incluía um modelo de intelectuais teólogos mas buscava *ministros práticos* surgidos do próprio povo para atendimento das necessidades cotidianas. Deixou mais do que claro que nosso perfil não era o adequado e que a diocese buscava candidatos para acompanhar a caminhada das comunidades. Finalmente, após um longo discernimento e, devo reconhecer, não sem certa dose de dor no coração, decidimos respeitar tal opção e não mais insistir<sup>7</sup>.

Entre 1987 e 1991 assumimos diferentes cadeiras e ministramos centenas de horas de aula, seja sob a forma de cursos regulares seja através de seminários e cursos especiais. Vale lembrar, entre outros, Exegese do Antigo Testamento, Hebraico bíblico, Profetas, Salmos, Escritos de São João, Epístolas de Paulo, Atos dos Apóstolos, Escritos Inter-testamentários, História da Igreja Antiga e Medieval, Patrologia, História da Igreja na América Latina, Ecumenismo, Moral matrimonial, Sociologia religiosa, Introdução ao método científico, Teologia Latino-americana e, quem sabe, algum outro que esqueci ao longo destes anos, já mais de uma década, nos quais estamos vivendo numa espécie de exílio teológico<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> No meu caso tratava-se de uma questão antiga, anterior inclusive à nossa ida para Suíça. Vivía-o como uma vocação de integração e serviço à sociedade civil, por médio de uma entrega total que deveria estar consagrada sacramentalmente e de forma visível na Igreja. O Senhor, porém, encarregou-se de mostrar, nesse momento, que éramos chamados a dar testemunho do Evangelho como leigos. Nada mais.

<sup>7</sup> No fundo foi um sinal do Espírito que nos levou a aprofundar, a partir desse momento, nosso compromisso e nossa opção laical.

<sup>8</sup> A reflexão teológica nunca deixou de ser o centro de nossas vidas. Porém, por força das circunstâncias, tanto eclesiais como familiares, o ministério docente tem-se convertido gradativamente numa atividade esporádica, que mantemos apenas à força de vontade.



Pessoalmente, durante aquele mesmo período, também ministrei regularmente alguns destes cursos no *Studium Theologicum* da P.U.C. do Paraná em Curitiba, para onde viajava cada semana, às quintas-feiras à meia noite, percorrendo uma estrada e protagonizando uma prática de colaboração que, conforme os antigos colegas, permanece viva até hoje.

Em 1988, como consequência de um movimento liderado pelos estudantes do terceiro e quarto ano, mas também com o apoio de alguns colegas e dos bispos da Província Eclesiástica, tive a honra e a responsabilidade de ser eleito Diretor do ITESC.

Aqueles que bem me conhecem e me acompanharam nesses momentos, sabem que vivi esta designação - fato inédito para um leigo independente, casado e pai de família - não como um êxito profissional nem como glória pessoal, mas como uma missão carregada de um muito forte conteúdo profético<sup>9</sup>.

Apesar desta responsabilidade, sob o ponto de vista formal nossa situação de trabalho sempre ficou indefinida. Com efeito, a Fundação Dom Jaime de Barros Câmara, quem sabe por receio de alguma reclamação trabalhista de nossa parte, num futuro hipotético, jamais quis formalizar um contrato de trabalho conosco<sup>10</sup>. Por paradoxal que possa parecer, nunca tivemos um vínculo formal com o Instituto Teológico, nem sequer quando eleito e nomeado Diretor do mesmo<sup>11</sup>.

Esta atitude, provavelmente originada nas objeções e reparos que tinham para com nossa presença no ITESC alguns dos administradores da Fundação e membros do presbitério da Arquidiocese, no fim das contas teve consequências irreversíveis.

Em fins de 1988, as paróquias suíças, que sustentavam nosso trabalho docente no Brasil, fizeram-nos saber que, a partir de março de

---

<sup>9</sup> Até onde me consta, fui o primeiro teólogo leigo, e quem sabe o único, a ter sido eleito pela autoridade eclesiástica Diretor de um Instituto Superior de Teologia na Igreja Católica Latino-americana. Fato raro não apenas porque sou um homem casado e pai de família, mas por nossa condição de leigos *independentes*, isto é, de casal que não está afiliado nem vinculado a movimento institucional nenhum, seja prelatura, instituto secular, ou grupo eclesialístico laical nem misto.

<sup>10</sup> Trabalhamos quatro anos com dedicação exclusiva mas, formalmente, esta labor jamais existiu. Nem sequer tivemos uma humilde Carteira de Trabalho, que é a identidade do pobre.

<sup>11</sup> Foi a falta desse vínculo formal de trabalho o que determinou que nosso pedido de residência civil no Brasil demorasse mais de três anos, tornando inviáveis todos os outros aspectos de nossa estadia e do projeto.



1989, a contribuição delas ficaria cancelada. Pouco tempo depois soubemos que esses fundos estariam sendo destinados aos irmãos católicos do leste europeu<sup>12</sup>. Foram momentos dramáticos. Em menos de três meses ficamos sem a fonte de recursos que permitia desenvolver nosso ministério apostólico de ensino e pesquisa da teologia, e também sem outras alternativas substitutas.

Apesar desse golpe, conseguimos permanecer dando aulas no ITESC até fins do primeiro semestre de 1991! Analisado na perspectiva dos anos que se passaram, é quase inacreditável.

Nosso projeto sofreu uma longa agonia. Em julho de 1989 mudamos nossos filhos para Montevidéu, onde contávamos com a ajuda de nossas famílias. Foi uma solução transitória que, por força das circunstâncias, virou permanente. O ensino da teologia, visado por nós como ministério eclesial e profissão exclusiva e excludente, começou a dividir seu espaço com outras ocupações. Marta, minha esposa, iniciou estudos de Direito no Uruguai e poucos anos depois se formou como Advogada. Eu organizei um escritório de consultoria empresarial e comércio exterior. Intermediava na importação de produtos brasileiros para o Uruguai e exportava produtos uruguaios ao Brasil.

Apesar de todas as dificuldades, durante dezoito meses – entre Agosto de 1989 e Dezembro de 1990 – conseguimos compatibilizar as tarefas de ensino no ITESC com uma vida profissional diferente daquela para a qual nos tínhamos preparado durante anos.

Concentrávamos as horas docentes em três semanas por mês. Vivíamos uma semana em Montevidéu os cinco juntos. Na semana seguinte eu viajava a Florianópolis e Marta permanecia em Montevidéu com nossos filhos; na terceira semana do mês, Marta e eu permanecíamos em Florianópolis juntos, mas longe de nossos filhos. Ali recomeçava o ciclo.

Foi assim, sucessivamente, durante um ano e meio. Inclusive no primeiro semestre de 1991, quando conseguimos manter a maior parte de nossos cursos, concentrados agora em seminários intensivos de dez dias ao mês.

Tentamos uma e mil coisas para achar fontes alternativas de subsistência dentro da teologia. Gostaria de sublinhar, entre todos esses

---

<sup>12</sup> A Ostpolitik de Pablo VI, articulada por Mons. Casaroli, dava lugar aos acordos do Alasca entre Regan e Wojtila: a prioridade estava com as igrejas perseguidas pelo chamado “socialismo real”.



intentos, o projeto da “Patrologia Latino-americana” definida pelo Cardeal Poupard, nesse momento Prefeito da Sagrada Congregação para a Cultura, como uma “*notevole iniziativa*”. Pena que nunca conseguimos um financiamento para tirá-la do papel ...

A iniciativa foi apresentada, inclusive, no C.N.P.Q., como projeto de pesquisa de nossas raízes culturais, e tudo “*Pour l’honneur de la théologie*”, seguindo a famosa expressão de outro Cardeal francês, Mons. Bruno de Solages<sup>13</sup>.

Sámos de Florianópolis com as mãos materialmente tão vazias como tínhamos chegado. Perdemos a casa na qual havíamos investido nossas poupanças de doze anos – e pela qual mantemos uma dívida ainda parcialmente não paga com a pessoa de Dom Murilo – como consequência da impossibilidade jurídica de assumir a titularidade do financiamento que a gravava e que pagamos durante quatro anos em nome de terceiros<sup>14</sup>. Nossa vida familiar ficou desestabilizada por longos meses, e também ficaram pelo caminho muitos outros projetos vinculados aos quase dez anos de formação específica em teologia.

A partir de então, carregamos outra dívida, mas esta de gratidão, para com todos aqueles que nos apoiaram, confiaram em nosso trabalho, foram nossa ajuda no plano material e nosso sustento moral. Porque, apesar de todas as nossas limitações, foram também eles os que tornaram possíveis estes acontecimentos bastante insólitos na vida da Igreja. Isto é, que um casal de leigos independentes durante quatro anos e meio conseguisse permanecer dedicado em forma exclusiva ao ensino da teologia, num Instituto Católico de formação presbiteral, e que um homem casado fosse Diretor do mesmo<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> Para aqueles que são mais novos na teologia, este é o título de um célebre artigo de Mons. de Solages, que, em plena crise da chamada “*Nouvelle Théologie*”, teve a coragem de sair em defesa de Teilhard de Chardin, suspeito de heresia aos olhos do integrismo daquela época.

<sup>14</sup> Como não tínhamos um contrato de trabalho que justificasse nossos recursos, nem residência permanente, jamais conseguimos assumir a titularidade do financiamento que gravava, na Caixa Econômica Federal, a casa na qual vivíamos e da qual éramos promitentes compradores a título privado por contrato particular de compra e venda.

<sup>15</sup> Não apenas Diretor, senão também, o que para mim é muito mais significativo, fui solicitado por vários alunos do terceiro e quarto ano de teologia, hoje presbíteros, para acompanhá-los como *diretor espiritual*, fato ainda mais inusitado. Tive a felicidade ou graça divina de desenvolver tal função durante mais de dois anos, com o conhecimento e a aprovação explícita das autoridades episcopais.



## 2. Nossos anos no ITESC: uma releitura teológica do drama humano

Na primeira parte, resumimos os principais acontecimentos e processos que rodearam nossa passagem pelo ITESC<sup>16</sup>. Agora, com a brevidade que nos impõe a dimensão deste artigo, tentaremos selecionar alguns pontos passíveis de dar um marco de fé a estas reflexões.

O que aconteceu com nosso projeto apostólico foi que, durante os anos de nossa formação, parecia cada vez mais plausível que um casal de leigos independentes tivesse condições materiais de dedicar a vida profissional e apostólica à pesquisa e ao ensino superior da teologia. Insisto, mais uma vez: quando falo em leigos “independentes”, apenas quero dizer não vinculados institucionalmente a movimento eclesial nenhum. Parecia que tal modelo de atividade ou função teria um lugar crescente na vida interna da Igreja. Inclusive até com o reconhecimento institucional de carisma específico como é tradicional nas Igrejas ortodoxas, onde a função do teólogo é laical.

Eis o que mudou durante o pontificado de João Paulo II. Não quero dizer que tenha existido uma inibição formal. Mas este tipo de projeto de integração dos leigos em atividades de formação ou estruturação *ad intra*, como era o nosso, acabou se tornando cada vez mais disfuncional e incompatível com as novas tendências e orientações da hierarquia eclesial.

Entre os últimos anos da década dos oitenta e a primeira metade dos anos noventa, a corrente integrista da hierarquia viu-se fortalecida por uma política unilateral e quase monolítica de nomeações episcopais que excluía de forma gradual mas implacável os representantes das correntes mais abertas às mudanças<sup>17</sup>.

Na instância seguinte, o neo-integrismo começou a enfrentar os movimentos de luta pela terra, ou pelos direitos políticos, as comunidades

---

<sup>16</sup> Muitos deles pouco conhecidos por nossos companheiros de apostolado daquele período, até porque nesse momento não nos pareceu oportuno divulgá-los. Por que? Porque por aqueles dias ainda dependíamos institucionalmente das autoridades cíveis e eclesiais da Fundação J. de B. Câmara e da Arquidiocese, e tínhamos todavia a esperança de algum dia sermos formalmente incorporados à Igreja de Santa Catarina.

<sup>17</sup> Esta política foi particularmente aguda na América Central, assim como nas dioceses mais estratégicas do resto de nosso continente, sobretudo na década de noventa. Em Santa Catarina houve honrosas exceções como Dom Murilo, Dom Orlando e Dom Manoel J. Francisco.



de base, a Teologia da Libertação, enfim, todos os grupos e tendências renovadoras que davam às correntes plurais certas condições de possibilidade para sobreviver e até participar na produção do conhecimento teológico.

É verdade que, como teólogos, nunca nos identificamos plenamente com o marco teórico daqueles movimentos nem dos paradigmas teológicos que os sustentavam. Porém sua simples presença e participação na vida interna da Igreja dava abrigo à pluralidade.

Por sua vez, também é verdade que como casal de leigos<sup>18</sup>, independentemente de discrepâncias teóricas ou metodológicas, sempre estivemos comprometidos, prática e politicamente, com as lutas de todos aqueles que buscam a justiça nos meios de geração e distribuição dos bens materiais e culturais, assim como na vida da sociedade civil.

Eis, então, o âmbito no qual podia inserir-se o carisma de uma teologia de rigoroso cunho acadêmico. Eis também o lugar teológico no qual floresceu nosso carisma e se fortaleceu nossa fé, isto é, uma Igreja que queria estar institucionalmente presente como companheira e servidora do homem nas alegrias, esperanças, dores e angústias que rodeiam o pão nosso de cada dia.

Numa palavra, nosso projeto ficou plenamente maduro precisamente no mesmo momento em que a Igreja mudou sua orientação e tomou um rumo contrário àquele que se tinha começado a delinear a partir da primavera da Igreja em tempos de João XXIII.

Somos filhos do Concílio Vaticano II, da Igreja de João XXIII, de Paulo VI e, quiçá, de João Paulo I, prematuramente morto mas recordado com amor de veneração como o Papa Luciani.

Somos filhos das utopias de “Gaudium et Spes”, de Medellín e, de certo modo, de Puebla.

Somos tributários da visão universal, antropológica e cósmica de Teilhard de Chardin, da sensibilidade eclesial de Pedro Arrupe S.J., do pluralismo ecumênico de Taizé e de tantas outras flores que nos deixou aquela breve primavera da Igreja.

Somos um fruto algo tardio e periférico da teologia acadêmica de Y. Congar, J. Danielou, H. De Lubac, H. Kung, K. Rahner, E.

---

<sup>18</sup> E inclusive cada um de nós, pessoalmente, antes de nos conhecermos.



Schillebeeckx, e também de W. Bauer, D. Bonhoeffer, M. Buber, O. Cullmann, M. Simon e P. Tillich.

Nunca nos identificamos com a chamada Teologia da Libertação, porque sempre consideramos o marxismo como uma filosofia, além de simplista y dicotômica, paupérrima e de difícil harmonização com a fé cristã. Porém somos, também, um subproduto da sociedade dos anos '60 e '70, das utopias da revolução cubana e da tentativa frustrada de um caminho cristão rumo à sociedade solidária na Nicarágua sandinista de Ernesto Cardenal.

Abrimo-nos à fé cristã e suas conseqüências no Uruguai dos Tupamaros, de Mons. C. Partelli, de Juan Luis Segundo, Arnaldo Spadaccino, Jerônimo Bórmida, Jorge Techera. Na América Latina de G. Gutiérrez, I. Ellacuría, J.B. Libânio, Mons. C. Angelelli y Mons. O. Romero. Crescemos numa Igreja onde o acento estava colocado no homem como centro e a comunidade eclesial como meio para servi-lo.

Por isso assistimos entre incrédulos e perplexos à metamorfose de uma Igreja latino-americana, na qual um Papa polaco batizava pessoal e solenemente a neta do genocida Galtieri, enquanto uma mãe do Movimento das Mães da Praza de Maio, no seu desespero por denunciar o destino de seu filho, que se conta entre os mais de 20.000 desaparecidos, escolhia morrer horrorosamente atropelada sob as rodas do trem que conduzia Sua Santidade de Buenos Aires a Luján, para tentar, em vão, que seu movimento fosse escutado pelo papa peregrino<sup>19</sup>.

Observamos com resignação, dor e obediência de fé, como as nomeações episcopais em nossa América Latina estavam quase sempre orientadas a enfrentar desde a hierarquia as correntes populares que, em nome da fé e dos valores evangélicos, estavam comprometidas na luta política contra as ditaduras mais sangrentas e os governos mais arbitrários<sup>20</sup>.

Quem sabe também foi por isso que os anos de nosso ministério apostólico laical como professores de Teologia em Santa Catarina foram tão difíceis. Porque, entre 1987 y 1991, assistimos aos primeiros capítulos do processo de metamorfose de uma teologia que, a partir do Concílio Vaticano II, queria servir ao homem, situando-se em posição de escuta,

---

<sup>19</sup> Apesar disso, os organizadores da viagem apostólica consideraram imprudente ou inoportuno um encontro entre o sucessor de Pedro e essas Mães de crucificados.

<sup>20</sup> Este processo foi particularmente grosseiro e doloroso na América Central.



para a ascensão e consolidação do modelo eclesiocêntrico no qual é o homem quem deve escutar a verdade eclesial.

## A modo de conclusão

A partir de 1991, nossa relação com o ITESC foi-se tornando cada vez menor. A vida nos levou por outros caminhos, porque assim são os caminhos do Senhor. Caminhos de santidade escondida e imprevisível. Se o Senhor não constrói a casa, em vão trabalhamos, os operários.

Sempre tivemos como eixo de nosso discernimento aquela frase que São João põe nos lábios do Batista: *Illum oportet crescere, me autem minui*.<sup>21</sup> Isto nos ensinou a buscar o ponto de equilíbrio entre uma sensibilidade cada vez mais apofática e uma leitura sabiamente “providencialista” de nossa história que, sejamos justos, é apenas uma prescindível nota ao pé da página, na grande sinfonia da Salvação.

Nossa aventura catarinense inscreve-se dentro daquela vocação a uma fidelidade militante e radical, mas, em última instância, dócil perante a vontade dum Pai cujos caminhos não são nossos caminhos. Uma identificação permanente com o Mistério do Filho, que às vezes passa – se o Pai assim o permite – pela humilhação e o fracasso dos projetos com os quais nós, pobres humanos, intentamos responder àquele chamado. Finalmente, também por uma docilidade permanente às moções do Espírito<sup>22</sup>, que sopra onde quer.

Nos últimos anos – porque os anos não chegam sozinhos - nossa pesquisa em teologia vai centrando-se na vida interior, na espiritualidade, no carisma laical de viver buscando a Deus em todas as coisas, como diz Inácio<sup>23</sup>.

Na prática, isto se traduz na criação de um seminário para profissionais independentes, ou empresários, que ofereço regularmente. Nele tento fazer uma leitura de fé do mundo da livre iniciativa, da produção e geração de riqueza, do trabalho digno e do lucro que deve ser administrado como condição responsável de possibilidade e de continuidade na vida econômica.

<sup>21</sup> É necessário que ele cresça e que eu diminua (Jo 3,30).

<sup>22</sup> Aquele deixar-se levar, sem deixar de protagonizar diariamente a aventura da fé.

<sup>23</sup> O de Loyola.



Desde um ponto de vista teórico, é a integração do *Arquétipo do Redentor*<sup>24</sup> com uma nova imagem arquetípica que tenho batizado com o nome de “*Arquétipo do Self-made-man*”. Esta imagem começa a emergir, como um bosquejo preliminar em tempos do iluminismo, se fortalece entre a revolução norte-americana e a francesa, e toma sua forma estável e consistência definitiva a partir de Nietzsche, com a experiência da morte de Deus<sup>25</sup>.

A convivência nos ambientes profissional e empresarial tem-me mostrado que o cristianismo das últimas décadas não teve outras propostas senão as de uma ética do lucro. É muito pouco. Não satisfaz ao homem que carrega a responsabilidade de aplicar sua inteligência e os recursos que cria – ou que outros criam e ele administra – a uma tarefa que o envolve como administrador de riqueza e de trabalho. É urgente apresentarlhe o fundamento profundo, arquetípico, místico, se se quiser. Sobre isso é que trata a *espiritualidade empresarial* que tento abordar e sistematizar nos seminários.

Sempre sustentamos e pregamos que o único objetivo do homem nesta terra é a santidade, ou seja, aquela capacidade de se centrar somente na vontade do Pai, vivendo em Sua presença e de sua presença, alimentando-se dela, tornando-se consciente de que Ele está sempre ali, simultaneamente no centro de nosso ser, de nossa alma, de nosso coração<sup>26</sup>, e também na pessoa de cada um dos seres humanos com os quais Ele nos põe a viver<sup>27</sup>. O amor ao povo simples do qual somos parte não é somente uma categoria abstrata ou um paradigma analítico. É, por sobre todas as coisas, uma atitude, um don que se pede, se busca e certamente se recebe do Alto. Passa por um olhar e uma sensibilidade solidária para com as pessoas com as quais convivemos, sem distinções, mas muito especialmente com os pobres, os excluídos, os marginalizados da sociedade, entre os quais, cada dia mais, também nos contamos.

### E-mail dos autores:

daniel.ramada@terra.com.br

---

<sup>24</sup> A expressão, se não me falha a memória, pertence a Erich Neumann – “Depth Psychology and New Ethic”.

<sup>25</sup> “Desde que Deus morreu, a solidão tornou-se insuportável. É imperioso que o *homem superior* ponha mãos à obra”, dizia Nietzsche e, sem se dar conta – fora as distorções que deste conceito trouxe o “Nacional socialismo” – deixava a nu a necessidade de repensar uma espiritualidade cristã da ação.

<sup>26</sup> *Intimior intimo meo*, dizia Santo Agostinho.

<sup>27</sup> Porque não adianta viver dizendo-lhe “Senhor, Senhor”, para que cheguemos a ser contados entre os benditos de seu Pai.